

2

Outras visões sobre o Advérbio e os Adjetivos Adverbializados

Neste capítulo, apresentaremos uma breve síntese do tratamento dado aos advérbios em –mente e aos AAs em estudos mais recentes devotados à investigação sobre as características dos advérbios na Língua Portuguesa. Observaremos inicialmente estudos de orientação funcionalista, passando, em seguida, aos trabalhos de Lobato (2005) e Basilio (1987, 1992, 1998, 2004), que são de orientação gerativa, embora a última autora tenha a preocupação de compatibilizar o aspecto do conhecimento lexical com considerações relativas ao emprego das formações adverbiais.

2.1

Estudos de orientação funcionalista

Passamos agora a examinar alguns trabalhos cujos pressupostos são funcionalistas. Nestes, os advérbios em –mente são analisados mais detidamente e são considerados como oriundos de um processo bastante produtivo no português do Brasil.

Cumprе destacar que, nos estudos de orientação funcionalista, ao contrário dos da abordagem tradicional, o enfoque teórico direciona a análise dos elementos da organização linguística ao uso. Dentro dessa perspectiva, as formações adverbiais são analisadas, não de modo a constituírem um longo inventário, no qual são classificadas isoladamente, segundo as espécies propostas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), conforme constatamos nas gramáticas tradicionais, mas de acordo com a função que estas exercem dentro do contexto em que aparecem nas situações de interação.

Dentre os vários autores de persuasão funcionalista, destacamos os trabalhos de Bomfim (1988), Ilari et al. (1989), Castilho e Castilho (1992), Moura Neves (2000) e Hummel (1999), além da dissertação de mestrado de Barbosa (2006). Examinemos, então, as propostas apresentadas por esses autores.

2.1.2

Análise de Bomfim

Bomfim (1988) desenvolveu um trabalho de análise dos advérbios que teve como ponto de partida a reflexão em torno do tratamento dado pelas gramáticas tradicionais às formações adverbiais. Tratamento esse que a autora julgou inadequado, pois algumas espécies de advérbios não se conciliavam com a definição proposta pelos gramáticos. São citados por ela como exemplo os advérbios de afirmação, de negação e de dúvida que “não expressam circunstância, não dizem respeito ao processo verbal nem são intensificadores”. (p. 6)

Ao analisar as formações em –mente, Bomfim avalia que nem todas expressam modo. E constata que, apesar de estarem classificadas em diversas espécies, existem algumas que não modificam o verbo, tampouco expressam circunstância. Dentre estas, encontram-se os intensificadores apontados em (12).

- (12) a. João é *terrivelmente* cruel com os filhos.
b. Clara é *imensamente* infeliz no casamento.

A autora faz referência aos advérbios de lugar e de tempo. Em relação a estes, considera que o que restou da significação do adjetivo-base das formas antigamente, atualmente e futuramente foram as ideias de passado, presente e futuro, por uma questão de afinidade semântica.

Também ressalta e exemplifica a subjetividade das formas X-mente através de frases como (13a) e (13b), nas quais se observa, respectivamente, uma ratificação do emissor a respeito do que fora declarado e uma negação veemente a algo que lhe fora proposto.

- (13) a. *Realmente* o dia está lindo.
b. *Absolutamente* não quero isso.

Ao ressaltar e exemplificar a subjetividade dos advérbios em –mente, Bomfim demonstra que a análise dessas formações adverbiais não pode se restringir, por exemplo, ao critério sintático, no qual se buscaria identificar qual

(is) o(s) escopo (s) do advérbio. Deve-se, ao contrário, levar em conta de que forma estas funcionam no contexto em que estão inseridas, a fim de que possa descrevê-las e analisá-las mais adequadamente. É o que buscam, como veremos, a seguir, Ilari et al.

2.1.3

Análise de Ilari et al.

No estudo de Ilari et al. (1989), assim como no de Bomfim (op. cit.), são discutidas as imprecisões presentes nos critérios (morfológico, sintático e semântico) utilizados pela abordagem tradicional na classificação dos advérbios. Imprecisões essas que fazem com que palavras que usualmente seriam consideradas como advérbios pelas gramáticas normativas, não se enquadrem nos critérios por elas estabelecidos.

Partindo da distinção entre advérbios predicativos e não-predicativos, os autores classificam, semanticamente, as formações adverbiais inserindo no primeiro grupo os qualificativos (rapidamente, abertamente), os intensificadores (excessivamente, enormemente), os modalizadores – que se subdividem em delimitadores ou *hedges* (linguisticamente, geograficamente), quase-modais (provavelmente, possivelmente) e os de atitude proposicional (felizmente, infelizmente) – e os aspectualizadores; e no segundo, os advérbios circunstanciais e os de negação.

Constatamos que no trabalho de Ilari et al. são feitas críticas pertinentes aos critérios utilizados na conceituação e classificação dos advérbios nas gramáticas tradicionais. Parece-nos, entretanto, que os autores dirigiram bastante seus esforços no sentido de propor uma classificação, no âmbito semântico, mais coerente do que a apresentada nos compêndios gramaticais e talvez em função disso tenha ficado em segundo plano uma exposição clara de quais critérios eles julgariam mais adequados para a categorização do que é advérbio.

2.1.4

Análise de Castilho e Castilho

Castilho e Castilho (1992) retomam a análise proposta por Ilari et al. (1989) e reformulam os tipos de modalizadores citados por eles. Esta reformulação resultou na seguinte classificação: modalizadores epistêmicos (asseverativos, quase-asseverativos, delimitadores (tradução proposta para hedges), deônticos e afetivos (subjettivos e intersubjetivos).

Os modalizadores epistêmicos asseverativos indicam “que o falante considera verdadeiro o conteúdo de P [proposição], apresentado por ele como uma afirmação ou negação que não dão margem a dúvidas” (Ibidem, p. 206), como em (14). Em contrapartida, quando lança mão dos quase-asseverativos, o indivíduo demonstra que não tem como garantir a veracidade daquilo que está afirmando, conforme (15).

(14) *Realmente*, o novo filme de Pedro Almodóvar é bom.

(15) *Provavelmente*, o novo filme de Pedro Almodóvar é bom.

Os delimitadores estabelecem os limites dentro dos quais se deve observar o conteúdo da proposição. Esse tipo de modalizador é frequentemente encontrado no discurso acadêmico: geograficamente, linguisticamente, etc.

Os modalizadores deônticos indicam que o falante toma o conteúdo da proposição como algo que, obrigatoriamente, precisa ocorrer.

(16) *Necessariamente / obrigatoriamente*, você deve assistir ao novo filme de Almodóvar.

Os modalizadores afetivos subjettivos expressam as reações do falante em relação ao conteúdo da proposição (17), enquanto os intersubjetivos, a opinião dele face ao seu interlocutor (18).

(17) *Felizmente*, Carlos não foi à festa.

(18) *Francamente*, odiei a atitude de Mário na hora do almoço.

No trabalho de Castilho e Castilho (op. cit.), os autores estudam os advérbios modalizadores. Esses advérbios também foram contemplados, como veremos a seguir, na análise feita por Moura Neves.

2.1.5

Análise de Moura Neves

O trabalho de Moura Neves (2000), no que tange aos advérbios, retoma e amplia as propostas apresentadas no âmbito do Projeto *Gramática do Português Falado* por Ilari et al. e Castilho e Castilho.

Adotando posição diferente da de Ilari et al., que optam por não propor uma definição do que é advérbio, Moura Neves considera que este é uma palavra periférica que funciona, em um sintagma, como satélite de um núcleo (ou constituinte). Esse núcleo pode ser, dependendo das subclasses do advérbio, um verbo, um adjetivo (ou sintagma com valor adjetival), um advérbio (ou sintagma com valor adverbial), um numeral, um substantivo, um pronome ou a conjunção embora.

O advérbio em sua forma simples ou perifrástica, segundo a autora, atua nas diversas camadas do enunciado. Dessa forma, pode funcionar como satélite também: a) no enunciado, incidindo sobre a oração (ou proposição); ou b) no discurso, incidindo sobre todo o enunciado.

Moura Neves avalia que, quanto à função, as formações adverbiais apresentam-se como uma classe heterogênea e divide-as em dois grandes subgrupos: modificadores e não-modificadores.

Semanticamente, dentre os modificadores, encontram-se os advérbios de modo (qualificadores), de intensidade (intensificadores) e os modalizadores. Em contrapartida, figuram entre os não-modificadores os advérbios de negação, de afirmação, de inclusão, de exclusão, de verificação, os circunstanciais (de lugar e tempo) e os juntivos.

Na classificação proposta pela autora, os advérbios em –mente acham-se, no grupo dos modificadores, entre os qualificadores (displacentemente), intensificadores (excessivamente), modalizadores: epistêmicos (certamente), delimitadores (historicamente), deônticos (obrigatoriamente), afetivos

(infelizmente) e, no dos não modificadores, entre os advérbios de inclusão (exclusivamente), de verificação (justamente) e os circunstanciais (antigamente).

Neste trabalho, interessa-nos, particularmente, os advérbios modalizadores e os qualificadores. Estes, denominados advérbios de modo, na abordagem tradicional, predicam propriedades de verbos e adjetivos e constituem uma classe aberta, uma vez que são formados a partir do acréscimo de *-mente*, em geral, a adjetivos qualificativos. Esses adjetivos indicam, segundo Moura Neves (2000, pp. 184-5), para a palavra que acompanham, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que a definem. Logo, em função de não haver entre o adjetivo e a palavra por ele predicada uma relação direta, esse processo é marcado pela subjetividade.

Essa subjetividade fica evidenciada na utilização de adjetivos qualificativos que, mesmo sem o sufixo adverbial, foram gramaticalizados como advérbios: (falar) *bonito*, (responder) *seco*, (jogar) *limpo*.

No tocante aos modalizadores, Moura Neves (op. cit., p. 244) considera que estes “compõem uma classe ampla de elementos adverbiais que têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado”.

Os advérbios modalizadores subdividem-se em: epistêmicos (ou asseverativos), delimitadores (ou circunstanciais), deônticos e afetivos (ou atitudinais).

No grupo dos modalizadores, concentraremos nossa atenção nos modalizadores asseverativos afirmativos¹⁰. Estes modificam sentenças e servem como marcadores de adesão do falante a algo que lhe foi dito / perguntado, como em (19)-(20).

- (19) – Professora, todos os alunos farão a prova?
– *Exatamente*, todos farão.

- (20) – Professora, preciso das notas para lançar nos boletins.
– *Perfeitamente*, amanhã as entrego.

¹⁰ Basilio (1992) denomina os advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos como marcadores conversacionais de assentimento que são elementos utilizados “fundamentalmente em início de turno, pelo ouvinte, para expressar concordância com o texto do falante”. (p. 77)

Ressaltamos que, partindo da proposta de Moura Neves, podemos não só classificar os advérbios, mas também os AAs. Quando estes predicam verbos, exercem a função de qualificadores. Em contrapartida, quando modificam sentenças, funcionam, fundamentalmente, como modalizadores asseverativos afirmativos.

Essa classificação dos adjetivos que exercem a função de advérbios será por nós retomada no capítulo seguinte. Voltemo-nos, por ora, à proposta de Hummel sobre os AAs.

2.1.6

Análise de Hummel

Analisando a relação entre adjetivos e advérbios, Hummel (1999) considera que a função atributiva constitui o traço funcional comum a essas duas categorias lexicais, pois, de um lado, os adjetivos funcionam como atributos de substantivos; de outro, os advérbios podem funcionar como atributos de um verbo (andar calmamente), de um atributo (altamente importante) ou de uma unidade frástica.

Ainda de acordo com Hummel, é possível distinguir, na língua portuguesa, três tipos de advérbios que funcionam como atributos de um verbo: os advérbios em *-mente*, os advérbios curtos¹¹ e os AAs que, segundo a proposta do autor, podem ser divididos em quatro grupos. O primeiro diz respeito aos sintagmas lexicalizados, do tipo de “passar batido” e “dormir picado”. O segundo é relativo a uma série de advérbios em oposição paradigmática ligados a um verbo determinado, como: jogar (duro, aberto, pesado, sujo) e falar (alto, baixo, grosso, fino, suave etc.). O terceiro é referente aos AAs que são utilizados mais frequentemente predicando diferentes verbos, tais como: fácil, direto, alto etc. O quarto é concernente à adverbialização produtiva de adjetivos, como se observa em construções como *pensar negativo* e *funcionar acelerado*.

¹¹ Em estudo acerca dos problemas dos advérbios em *-mente*, Pottier (1968) destaca que há dois tipos morfológicos de advérbios: “el tipo largo, que lleva consigo el indicio *-ment*, y el tipo corto, que toma la forma del [adjetivo] masculino singular” (Idem, p. 221). Dentre os exemplos de advérbios curtos, o autor cita: forte, duro e alto.

Segundo Hummel (1999), a conversão de adjetivos em advérbios é um processo produtivo através do qual é possível formar advérbios em português¹², francês, espanhol, italiano e romeno, como vemos em (21). Na língua romena, devido ao fato de a conversão constituir o único processo de formação adverbial, os adjetivos conversos são utilizados não só em situações de interação informais, como também nas formais. Nas demais línguas românicas, entretanto, registram-se ocorrências de AAs, sobretudo, na linguagem coloquial. Esse fato, de acordo com o autor, permite avançarmos na hipótese de “que a conversão constitui, na linguagem de falantes incultos, praticamente o único mecanismo de adverbialização utilizado” (Idem, p. 3), já que os falantes cultos optariam, em situações formais, pelo advérbio em –mente; e nas informais, pelo AA.

- (21) a. Os homens trabalham *duro*.
 b. J’y vais *rapide*¹³ (Eu vou rápido)
 c. Maria camina *rápido*.
 d. Risponder *secco* (Responder seco)
 e. El scribe *frumos* (Escreve bonito)

Não obstante o grau de informalidade ser um fator relevante no que concerne à possibilidade de um AA apresentar uma forma equivalente em –mente, consideramos que existem também outros que precisam ser analisados a fim de que possamos compreender melhor a relação entre as formações adverbiais. Esses fatores serão examinados por nós no próximo capítulo.

2.1.7

Análise de Barbosa

Barbosa (2006) estuda os AAs, à luz da teoria funcionalista, e propõe que estes são frutos de um processo unidirecional denominado gramaticalização, segundo o qual, de acordo com Martelotta et al. (1996, p. 24), “itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções

¹² Hummel avalia que a frequência com que os falantes utilizam construções com AAs é maior no português do Brasil do que no de Portugal.

¹³ Os exemplos (1a), (1b), (1d) e (1e) foram extraídos de Hummel (1999, p. 4-6).

gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Barbosa mostra ainda que os AAs são mais frequentes no português do Brasil do que no Europeu e encontram-se também em línguas neolatinas (espanhol, italiano, francês) e anglo-germânicas (inglês e alemão).

A autora analisa ocorrências de AAs encontrados nos *corpora* do NURC/RJ e do projeto Discurso e Gramática. Dentre os itens abarcados na análise feita por ela, estão: os tipos de adjetivos que podem ter emprego adverbial, a frequência desses adjetivos, a posição deles em relação ao verbo, os verbos que mais comumente modificam, a transitividade verbal, o nível de escolaridade e a idade dos informantes dos inquéritos e a relação entre os adjetivos adverbializados e as formações em –mente.

No tocante à relação entre os AAs e as formações em –mente, Barbosa destaca que: a) em alguns casos, a correspondência com o sufixo –mente é rejeitada [Fechar *direito* x fechar *direitamente*]; b) em outros, há correspondência entre o AA e a forma X-mente, porém o sentido é alterado [Pintar *legal* x Pintar *legalmente*]; c) mas também há casos em que temos equivalência semântica entre o AA e a forma em –mente, [Vir *rápido* x Vir *rapidamente*].

No trabalho de Barbosa, a adverbialização de adjetivos é tratada e analisada como sendo um processo de gramaticalização. Apesar de adotarmos um posicionamento teórico diferente do da autora, ao considerar que o emprego adverbial do adjetivo é, em verdade, um fenômeno de conversão (cf. Basílio, 1987, 1992, 2004), investigaremos, no próximo capítulo, – retomando uma parte da investigação desta autora – se há um padrão geral de correspondência semântica entre os AAs e as formas X-mente. Nossos resultados, entretanto, são diferentes.

Passamos, agora, a apresentar propostas feitas por autores de formação gerativa sobre a situação dos advérbios e adjetivos adverbiais.

2.2 Estudos de orientação gerativa

Os advérbios em –mente e os AAs não foram alvo do interesse apenas dos autores das abordagens tradicional e funcionalista. Outros, como Lobato (2005) e

Basilio (1987, 1992, 1998, 2006) também desenvolveram estudos visando à análise das formações X-mente e/ou dos AAs. Examinemos então estas duas novas propostas.

2.2.1

Análise de Lobato

Lobato (2005), tomando como base os pressupostos da teoria gerativa, avalia que os “atributos tradicionalmente categorizados como adjetivos em uso adverbial” são, em verdade, adjetivos em função tipicamente adjetival. A posição da autora se justifica, porque, no âmbito do gerativismo, ao contrário da abordagem funcionalista, não se leva em conta o uso para estudar os fatos linguísticos e fazer generalizações acerca destes. Destacamos, no entanto, que o fato de não levar em conta o uso no estudo da língua implica dizer que ela concebe adjetivos e advérbios como duas categorias distintas, em que cada qual é “definida por um tipo semântico específico que leva a uma dada distribuição sintática” (Ibidem, p. 221), não podendo, portanto, assumir as características gerais uma da outra.

O posicionamento teórico da autora leva-a a refutar as propostas que analisam o fenômeno como: a) uso do adjetivo em função adverbial; b) conversão morfológica; c) definição categorial por traços distintivos lexicais; d) advérbios homófonos das formas adjetivas e advérbios na forma curta, isto é, sem o sufixo -mente.

A fim de defender sua tese, Lobato sustenta que as formas sem -mente apresentam a vogal temática -o e não concordam em gênero e número com o substantivo, porque predicam uma propriedade nominal que não se encontra manifesta. As formas com o sufixo adverbial, em contrapartida, predicam a relação proposicional (sentença ou relação intra-sentencial, incluindo o predicado). Podemos, assim, interpretar que, em *falar alto*, o adjetivo: a) não predica falar, mas uma informação integrante (VOZ) que está implícita na estrutura léxico-conceitual do verbo ou b) predica o ato de falar, ou seja, alguém fala com uma fala alta.

Uma outra possibilidade de interpretação ainda no que tange à predicação de uma propriedade nominal não manifesta ocorre quando há um argumento

implícito que é predicado pelo atributo. No sintagma verbal *dormir pesado*, por exemplo, existe, na estrutura léxico-conceptual do núcleo do SV, um argumento implícito, pois *dormir* significa ‘experenciar sono’. Desse modo, *pesado* predicaria o substantivo *sono*.

A autora ressalta também que uma das características dos supostos adjetivos adverbializados é a exigência pós-verbal. Em outras palavras, esses atributos podem aparecer apenas pospostos ao verbo.

No que diz respeito à possibilidade de os atributos apresentarem advérbios em –mente correspondentes, ela destaca que há o bloqueio (cf. Aronoff, 1976) da forma sem –mente quando houver predicação da relação proposicional e de um adjetivo, como (22)-(23)¹⁴.

- (22) a. *Sinceramente / honestamente*, ela não virá.
b. **Sincero / honesto*, ela não virá.

- (23) a. Ele é *altamente* qualificado para a tarefa.
b. *Ele é *alto* qualificado para a tarefa.

A hipótese de Lobato é muito interessante e ilumina alguns aspectos do fenômeno sendo estudado. Entretanto, a hipótese da não concordância do suposto adjetivo com uma propriedade nominal não manifesta, embora engenhosa, é menos adequada do que a hipótese da não concordância devida ao escopo verbal do suposto advérbio, pelo fato de que, mesmo nos casos em que o AA poderia ter por escopo uma propriedade semântica do verbo, identificável como “VOZ”, ainda assim trata-se de propriedade semântica e não de uma palavra com a qual o adjetivo concorde em gênero e número. Adicionalmente, a proposta de Lobato não cobriria casos em que não se vislumbram propriedades semânticas implícitas motivadas por verbos, como em “João foi *direto* para a cozinha”, por exemplo. Assim, acreditamos que a análise apresentada em Lobato (2005) não é suficiente para nos conduzir a uma abordagem dos AAs como apenas adjetivos.

Apresentaremos, a seguir, os estudos de Basilio (1987, 1992, 1998, 2004) acerca das formações adverbiais no português do Brasil.

¹⁴ Exemplos extraídos de Lobato (2005, p. 228-230).

2.2.2

Análise de Basilio

Basilio (2004) afirma que existem, no português falado do Brasil, dois processos produtivos para a formação de advérbios. O primeiro diz respeito à formação de advérbios a partir do acréscimo de *–mente* a bases adjetivas flexionadas no feminino; o segundo, ao fenômeno da conversão, no qual ocorre a transposição de um adjetivo, sem alteração em sua forma fonológica, para a classe dos advérbios. Nessa transposição, o adjetivo passa a assumir globalmente as propriedades do advérbio.

Visando a defender a tese de que se trata do fenômeno da conversão, Basilio (1992) destaca que o adjetivo: a) deixa de predicar o sujeito e passa a predicar o verbo, não apresentando, em consequência, flexão em gênero e número; b) exerce a mesma função que as formações em *–mente*, indubitavelmente adverbiais; c) na maior parte dos casos, aparece posposto ao verbo; d) em alguns casos, pode apresentar uma forma *X-mente* equivalente e/ou o sentido veiculado pela locução adverbial “de modo”, sem que haja alteração de sentido, como em (24); e) possibilita responder perguntas introduzidas por “como?”, conforme vemos em (25); e f) pode ser usado com verbos no modo imperativo, como em (25b).

- (24) a. Mariana falou *sério* [seriamente] durante a reunião.
b Mariana falou *sério* [de modo sério] durante a reunião.

- (25) Como é que João fala?
– *Alto, grosso, rápido*.

- (25b) – Não desiste, aguenta *firme*!

Analisando as condições de produtividade do processo de conversão adjetivo / advérbio, a autora propõe, fundamentando a análise em dados construídos, que existem restrições às combinações entre verbos e adjetivos. Essas

restrições, segundo ela, podem ser de natureza semântica (26), sintática (27) ou motivadas pelo uso ou nível de formalidade, como em (28)¹⁵.

(26) Maria falou / *decidiu *baixo*.

(27) Elas acharam *errado* / *razoável*.

(28) Ela sacou *certo* / **correto*.

No tocante ao tipo de adjetivo que funciona como AA, Basilio (1992) considera que, apesar de os adjetivos descritivos poderem funcionar como AAs na linguagem coloquial (29), são os qualificativos os mais frequentemente encontrados (30).

(29) O rapaz pagou *antecipado* a prestação.

(30) João não agiu *certo*.

Em relação às formas morfológicamente complexas, a linguista avalia que as terminadas em –ado e –oso são mais facilmente utilizadas como AAs; o mesmo já não ocorreria com as que têm os sufixos –ico, –al, –ório ou –ivo.

Basilio faz menção também aos adjetivos usados como marcadores conversacionais de assentimento, esclarecendo que estes são elementos utilizados “fundamentalmente em início de turno, pelo ouvinte, para expressar concordância com o texto do falante”. (Idem, p. 77)

Conforme já mencionamos, a autora dedicou-se não só ao estudo dos AAs, mas também das formações em -mente. Passemos, então, a observar de que modo ela as analisa.

Basilio (1998, 2004) analisa as formas X-mente e considera que estas apresentam, “em confronto com as demais formações sufixais em português” (p. 16), características peculiares no âmbito fonológico, morfológico e sintático.

Do ponto de vista fonológico, a autora destaca o fato de: i) a acentuação da palavra base não se submeter totalmente a do sufixo –mente, como geralmente ocorre no processo de derivação sufixal e ii) não haver o fechamento

¹⁵ Os exemplos (16)-(18) foram extraídos de Basilio (1992, p. 85)

característico das vogais médias em posição pré-tônica, o que pode ser constatado na oposição dos pares certo / certeza; certo / certamente.

No que concerne ao aspecto morfológico, considera que as formações em –mente subvertem os cânones do processo derivacional ao se agregarem a bases adjetivas flexionadas no gênero feminino (rapidamente, gostosamente), uma vez que, via de regra, as construções se dão a partir do acréscimo do sufixo a um radical ou tema não flexionado.

Do ponto de vista sintático, faz menção à possibilidade de enumerar dois adjetivos e colocar o sufixo adverbial apenas no último, o que serve como indício do “caráter não afixal de –mente” (Basilio, 1998, p. 17).

Essas características peculiares das formas X-mente servem para mostrar que analisar os advérbios em –mente como fruto de um processo de derivação sufixal é problemático. “O problema, no entanto, existe apenas do ponto de vista estrutural; do ponto de vista gráfico, a situação de –mente não apresenta dificuldades” (Basilio, 2004, p. 62).

Analisando as condições de produtividade das formações em –mente, Basilio (1998) afirma que –mente pode ser acrescentado: a) à maioria dos adjetivos denominais (socialmente, honrosamente); b) a quase todos os tipos de adjetivos deverbais (insistentemente, visivelmente, desordenadamente); e c) a formações compostas (econômico-financeiramente).

À guisa de conclusão deste capítulo, sintetizamos, a seguir, as propostas de orientação funcionalista e de base gerativista mencionadas por nós.

Em suma, vimos que, para Bomfim (1988), a análise dos advérbios não deve se restringir apenas ao critério sintático, uma vez que é preciso levar em conta também o contexto em que aparecem essas construções, como foi feito por Ilari et al. (op. cit.) ao distinguir os advérbios predicativos e não-predicativos. Partindo dessa distinção, os autores propuseram uma nova classificação, do ponto de vista semântico, para os advérbios. Castilho e Castilho (1992) retomaram a classificação dos advérbios modalizadores proposta por Ilari et al. e a reformularam. As proposições apresentadas por Castilho e Castilho (op. cit.) e Ilari et al. (op. cit.), no âmbito do projeto *Gramática do Português Falado*, foram retomadas e ampliadas por Moura Neves (2000). Além de examinar os advérbios, a autora estudou também os AAs e considerou que estes são fruto do processo de gramaticalização. Cumpre destacar que o posicionamento de Barbosa (2006)

acerca do processo pelo qual são formados os AAs é convergente com o de Moura Neves (op. cit.). Lobato (2005), no entanto, analisa a situação em que adjetivos exercem a função de advérbios como um suposto uso adverbial, já que para ela o adjetivo predica, em verdade, uma propriedade nominal não manifesta que se encontra implícita na estrutura léxico-conceptual do verbo.

O posicionamento de Hummel (1999) é distinto das outras autoras mencionadas, já que ele avalia que os AAs são resultado de um processo de conversão de adjetivos em advérbios que é produtivo não só no português do Brasil, mas também em francês, romeno, espanhol e italiano. Basilio (op. cit.), assim como Hummel (idem), considera que os AAs são fruto do processo de conversão. A autora examina os adjetivos adverbiais e os advérbios em –mente e afirma que ambas construções são produtivas no português do Brasil, sendo a primeira mais comumente encontrada na linguagem coloquial e a segunda, na linguagem formal.

As proposições descritivas de Basilio (1987, 1992, 1998, 2004) e o entendimento da autora de que através do processo de conversão adjetivos passam a funcionar como advérbios serão por nós retomados no próximo capítulo.